TOMADA DE TURNO E PONTUAÇÃO: FACES OPOSTAS DE UM CONTINUUM?

Mateus Oliveira Lima (UESB)
mateus18lima@gmail.com
André Luiz Faria (UESB)
alfa_rio@yahoo.com.br

RESUMO

Como consequência do advento das ideias promulgadas, de forma geral, pela Linguística, o ensino de língua portuguesa passa, no momento atual, por um processo bastante profundo de mudanças metodológicas. Muito se discute, por exemplo, sobre a grande relevância do papel da leitura no ensino no que concerne às aulas de português. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* que regulamentam o ensino no país propõem que os professores de língua portuguesa articulem em suas metodologias leitura, escrita e oralidade. Ao partir do pressuposto de que há um contínuo entre a fala e a escrita, o presente trabalho – vinculado ao Programa Institucional de Iniciação à Docência da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no subprojeto "O *continuum* língua oral – língua escrita no ensino fundamental" – busca analisar as tentativas de representação da fala nos quadrinhos por meio de sinais de pontuação. De tal maneira, tenta-se, ainda, compreender *o porquê* da utilização de alguns sinais de pontuação específicos que diferem dos utilizados na escrita padrão. Baseado em aspectos da *Teoria da Conversação* (MARCUSCHI, 2000), o trabalho investiga alguns quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem* em estilo mangá do cartunista brasileiro Maurício de Souza, apresentando, no final, uma proposta de análise de tais textos a fim de tornar explícitos os mecanismos de estruturação e compreensão textuais.

Palavras-chave: Oralidade. Quadrinhos. Ensino.

1. *Descontextualização no ensino: receita para o insucesso metodológico?*

Muito se discute atualmente sobre a grande relevância do papel do ensino produtivo em língua portuguesa. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* que regulamentam o ensino no país propõem que os professores

de língua portuguesa articulem em suas metodologias leitura, escrita e oralidade. Entretanto, percebe-se que o caminho adotado pela grande maioria dos profissionais docentes dessa área converge para outra esfera.

Nota-se atualmente, de forma bem clara, que os métodos utilizados nas aulas de língua portuguesa não se baseiam na descrição real do funcionamento da língua, mas sim nas prescrições da gramática normativa. Antunes (2003, p. 31), demonstrando grande preocupação pelo assunto, afirma que o ensino baseado unicamente em regras gramaticais está fadado ao fracasso. A autora embasando-se em argumentos coerentes ainda critica a gramática utilizada pelos professores, definindo-a como: "uma gramática, fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função: frases feitas para servir de lição, para virar exercício".

A falta de contextualização no ensino de língua portuguesa é um dos principais fatores responsáveis pela grande desmotivação dos alunos. Decorar um milhão de regras gramaticais, que em muitos casos não são aplicáveis ao uso linguístico real, nem de longe é uma tarefa prazerosa. Muito pelo contrário. É uma atividade chata, monótona e árdua para os alunos. Dessa forma, levando em consideração tal problemática, pode-se afirmar que a metodologia de ensino deveria buscar uma maior contextualização e, nesse sentido, os quadrinhos podem agir como instrumentos bastante eficazes.

Ao conceber a problemática do ensino de língua portuguesa, deve-se relacioná-la diretamente aos princípios metodológicos que têm sido adotados pelos profissionais, pois percebe-se grande distanciamento entre o que se ensina e a realidade de vida dos alunos. Os PCN de língua portuguesa sugerem aos profissionais que almejam sucesso no ensino produtivo de língua; que as sugestões dos PCN sejam inseridas em suas práticas pedagógicas, a fim de facilitar a aproximação de seus alunos com as atividades sobre a língua trabalhadas na escola. Portanto, como não existem receitas prontas no ensino, as recomendações valem com linha de reflexões bastante produtivas.

2. Os quadrinhos no ensino

Devemos aos norte-americanos a popularização e o desenvolvimento do gênero das histórias em quadrinhos tal qual as conhecemos hoje em dia. O artista Richard Outcault, ao publicar em 1895 a primeira his-

tória em quadrinhos moderna, é o responsável por disseminar nos meios jornalísticos americanos histórias em quadrinhos que se tornaram elementos indispensáveis nesses meios de comunicação.

Entretanto, ao buscar a ancestralidade dessas histórias, pode-se inferir que sua origem se encontra na pré-história quando os nossos ancestrais documentavam, por meio de pinturas rupestres, diversos acontecimentos.

As histórias em quadrinhos começam a surgir no Brasil durante o século XIX. As primeiras publicações desse tipo eram caracterizadas por um estilo altamente humorístico e satírico. De fato, é só no século XX que as histórias em quadrinhos começaram a ser publicadas no formato de revistas, sendo que, nessa época, as produções eram ainda fortemente influenciadas pelos estilos americano, europeu e japonês.

É só na década de 1960 que as histórias em quadrinhos passam a apresentar caracteres exclusivamente brasileiros com a divulgação das publicações dos cartunistas Ziraldo (*Turma do Pererê*) e Maurício de Souza (*Turma da Mônica*). Desde então, as histórias em quadrinhos se tornaram um gênero bastante popular no país, de modo que, atualmente, o mercado se encontra em expansão.

Os quadrinhos, além de serem ótimas formas de leitura por entretenimento, revelam-se também como recursos didático-pedagógicos bastante eficazes. Aliás, devido mesmo ao cunho distrativo das histórias, as instâncias *da Lei de Diretrizes e Bases* (LDB) e os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), responsáveis por regulamentar o ensino no Brasil, aventam a inserção de histórias em quadrinhos em sala de aula com o objetivo de estimular os alunos.

De tal modo, no ano de 2006, o Programa Nacional da Biblioteca incluiu em suas listas anuais títulos de histórias em quadrinhos, oferecendo assim aos professores um acervo de material para trabalho.

3. A oralidade nos quadrinhos

Como dissemos acima, o presente artigo tem como objetivo demonstrar como as histórias em quadrinhos tentam representar a fala a partir de diversos recursos. Desse modo, servirão como *corpora* revistas da *Turma da Mônica Jovem* em estilo mangá do cartunista brasileiro Maurício de Souza.

Ao considerar o *continuum* existente entre fala e escrita, tem-se no gênero das histórias em quadrinhos um exemplo modelar para a análise que se pretende empregar, uma vez que as histórias em quadrinhos são, na verdade, tentativas de representação da língua falada a partir de recursos gráficos.

Ao tratar de aspectos que envolvem, especificamente, o âmbito da fala, foi necessário recorrer ao arcabouço teórico da *Análise da Conversação* para melhor compreender as características organizacionais da conversa e fundamentar, dessa maneira, o presente estudo.

A análise de histórias em quadrinhos provou que existem nesse gênero aspectos que são comuns à fala real como é o caso da tomada de turno. Recurso bastante recorrente aos falantes em suas conversas diárias.

O *Glossário de Linguística Aplicada* define a tomada de turno como sendo

> a passagem da vez de falar de um interlocutor para outro numa conversação. Ela pode ser concedida pelo falante, ao pedir um esclarecimento; tomada, quando em resposta a uma solicitação geral; roubada, quando o interlocutor força a sua inserção no fluxo de turnos

Interessa-nos aqui, porém, a ocorrência da tomada de turno quando esta acontece de maneira roubada, ou seja, quando o interlocutor forçadamente introduz-se no curso da conversa, desestabilizando, de certa maneira, o seu fluxo.

É interessante notar que nas histórias em quadrinhos quando há a ocorrência de tomada de turno, recursos gráficos, como sinais de pontuação, são usados para expressar que o período de fala passou a pertencer a outro interlocutor. Dessa maneira, temos nos quadrinhos.

Sendo a linguagem do gênero história em quadrinhos composta por elementos pictóricos como as imagens e por elementos gráficos como o texto, vale mencionar que somente analisaremos estes últimos. Dito isso, partiremos, de fato, para a observação.

O exemplo a seguir, retirado da edição nº 26 da revista *Turma da Mônica Jovem* evidencia um caso de tomada de turno nos quadrinhos, vejamos:

Na passagem do primeiro para o segundo quadrinho, ocorre um exemplo de tomada de turno quando o período de fala da personagem Cebolinha é interrompido. Percebemos a tomada de turno através da descontinuidade na fala da personagem – "É isso mesmo! Eu vou lá e..." – que parece ter algo mais a dizer antes de ter seu turno suspendido pela outra personagem que, imediatamente, introduz sua fala.

A tomada de turno, nesse caso, é expressa pela pontuação. As reticências, na fala do Cebolinha, faz referência a uma possível continuidade em seu discurso. É muito comum a ocorrência da tomada de turno nos quadrinhos ser expressa através da pontuação e, nesse sentido, as reticências figuram como o principal recurso utilizado pelos autores.

Observemos outro exemplo no qual as reticências também indicam a incidência da tomada de turno:

No quadrinho acima, temos o turno da personagem Mônica interrompido pela inserção da fala do Cebolinha. Pode-se perceber hesitação na fala da Mônica evidenciada pelo uso das reticências. A tomada de turno, como no exemplo anterior, é expressa pelo recurso gráfico da pontuação.

Tomemos agora como objeto de análise o seguinte quadrinho:

A ocorrência da tomada de turno mais uma vez é realçada pelo uso das reticências no final do primeiro balão. Entretanto, esse exemplo difere dos anteriores, pois parece existir uma continuidade na fala da personagem que assalta o turno da primeira. A ocorrência desse tipo de evento é muito comum à fala cotidiana quando os falantes complementam ou modificam o discurso de seus interlocutores.

Os recursos utilizados pelos autores das histórias em quadrinhos a fim de expressar a ocorrência da tomada de turno evidenciam que a língua falada e a língua escrita convivem numa espécie de *continuum*, compartilhando, desse modo, algumas especificidades.

4. Conclusão

Ao conceber a problemática no ensino de língua portuguesa, tem-se que o fator da descontextualização contribui bastante para o insucesso metodológico. Diante dessa questão, é necessário que os professores busquem adotar em suas metodologias alternativas que objetivem alcançar melhoras sistemáticas no processo de ensino da língua.

As histórias em quadrinhos revelam-se, nesse sentido, instrumentos capazes de inovar as aulas de português, pois podem-se, a partir delas, desenvolver diversas questões a respeito da língua como, por exemplo, o seu aspecto oral.

O espaço da oralidade no ensino, embora suplantado pelos PCN, ainda é muito pouco explorado pelos professores de língua portuguesa. Percebe-se, em contrapartida, que as aulas dessa disciplina privilegiam a modalidade escrita da língua, detendo, dessa forma, a modalidade oral. Entretanto, é necessário atentar-se para o fato de que tanto a língua falada

como a língua escrita são práticas sociais de modo que o seu caráter de real funcionamento deve ser levado para a sala de aula.

A prática do trabalho com os quadrinhos pode funcionar como instrumento de grande eficácia no trato da oralidade em sala de aula, uma vez que os quadrinhos são, na verdade, tentativas de representação da fala.

Fazer com que os alunos consigam perceber a relação entre a língua falada e a língua escrita deve ser o primeiro passo para o desenvolvimento da oralidade. Nesse sentido, o trabalho com as marcas conversacionais nos quadrinhos pode ser uma atividade bastante interessante, assim como trabalhar com a proposta de produção de quadrinhos por parte da turma. Dessa maneira, evidenciar-se-iam a relação de continuidade entre fala e escrita e as especificidades que essas duas modalidades compartilham.

Por fim, desenvolver e estimular a capacidade oral dos alunos transforma-se em um ato político na medida em que se percebe o poder que o discurso oral possui na construção de sujeitos emancipados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português*: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ELIAS, Vanda Maria. *Ensino de língua portuguesa*: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2001.

GLOSSÁRIO de Linguística aplicada. Tomada de turno. Disponível em: <http://www.sala.org.br/index.php/t/214-tomada-de-turno>. Acesso em: 28-09-2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2004.